

## **RESENHA DE “MANUAL DE MORFOLOGIA DO PORTUGUÊS”, DE MARIA NAZARÉ DE CARVALHO LAROCA**

**Emanuel Souza de Quadros<sup>1</sup>**

manu@formalivre.com

O “Manual de Morfologia do Português”, da professora Maria Nazaré de Carvalho Laroca, traz uma ampla revisão dos conceitos fundamentais do estudo da Morfologia. O livro, com suas 99 páginas, é dedicado a estudantes de Letras e a outros interessados pelo estudo da língua portuguesa, aos quais se propõe fornecer bases seguras para a iniciação na área. Trata-se de uma compilação do conteúdo de décadas de ensino e pesquisa conduzidas pela autora na Universidade Federal de Juiz de Fora. O que segue é uma descrição da estrutura da obra, acompanhada de breves comentários acerca de cada capítulo. Em seguida, tem-se uma avaliação crítica do manual como um todo.

No primeiro capítulo, “Morfologia”, a autora apresenta um breve histórico da disciplina e de seus desenvolvimentos. Em seguida, a distinção entre morfologia derivacional e morfologia flexional é introduzida por meio de uma exposição sistemática dos critérios comumente utilizados para diferenciá-las. A exposição desses critérios seria bastante enriquecida se a autora apresentasse uma visão menos consensual dessa questão tão controversa. Não seria nocivo ao entendimento dos alunos apresentar, juntamente aos parâmetros utilizados para diferenciar flexão e derivação, alguns problemas e contraexemplos.

O segundo capítulo, “Palavra, Vocábulo e Lexema”, é dedicado, primariamente, à noção de palavra sob os pontos de vista morfológico, sintático e fonológico. No início do capítulo, a autora anuncia também a existência de critérios semânticos de definição do conceito de palavra, mas não os explicita no decorrer do texto. Grande atenção é

---

<sup>1</sup>Bolsista de Iniciação Científica/CNPq – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

dada à relação entre vocábulos formais e vocábulos fonológicos, tendo como referência os estudos de Joaquim Mattoso Câmara Jr. sobre essa relação.

Outra noção básica da Morfologia, a de morfema, assim como as noções relacionadas de morfe e alomorfe, é introduzida no terceiro capítulo, “Morfema, Morfe, Alomorfe”. Nele, a autora também apresenta uma classificação dos tipos de morfema, tanto de acordo com sua distribuição em relação à base, como quanto às funções classificatória, flexional e derivacional. Neste e no quarto capítulo, manifesta-se mais claramente do que no resto do livro a preocupação da autora com a boa exemplificação dos conceitos apresentados. Cada explicação fornecida é acompanhada de uma seleção adequada de exemplos que facilitam o acompanhamento do texto.

Os dois capítulos seguintes são dedicados às categorias morfossintáticas que se manifestam na flexão dos vocábulos do português. No primeiro deles, “Morfemas Nominais”, as categorias tratadas são as de gênero e número, manifestas nos nomes; no segundo, “Morfemas Verbais”, o foco recai sobre as vogais temáticas e os sufixos modo-temporais, verbo-nominais e número-pessoais.

No sexto capítulo, “Estrutura Mórfica e Morfêmica das Palavras”, a autora volta-se para a representação das estruturas morfológicas das palavras, trazendo dezenas de exemplos de estruturas arbóreas de itens lexicais. Neste e no quinto capítulo, o uso de exemplos pela autora torna-se excessivo, pois estes passam a constituir a quase totalidade do texto, com pouquíssimos comentários explicativos. A extensa exemplificação das estruturas em questão não deixa de ser uma qualidade deste livro, que não costuma aparecer em outros manuais da área. Seria, contudo, mais adequado se esses exemplos viessem em um apêndice ou como acompanhamento de um capítulo mais teórico e explicativo.

Um traço bastante idiossincrático, e talvez problemático, do sexto capítulo é a definição de “radical” que subjaz às representações apresentadas pela autora. A análise da palavra *cobras*, por exemplo, classifica-a como um radical flexional, isto é, um radical formado por um processo flexional – no caso, a adição do morfema de plural. O que há de idiossincrático aí é a sugestão de que *cobras*, uma palavra pronta, a qual não podem mais ser adicionados afixos flexionais, seja um radical. Embora a terminologia da área não seja muito consistente nesse ponto, um aspecto relativamente constante da definição de radical na literatura é o de que esse constituinte é a porção de uma palavra à qual os sufixos flexionais se anexam. Matthews (1974), citado pela autora como fonte de sua definição de radical, deixa claro à página 73 de sua obra que os radicais, que

podem ser complexos, i.e. polimorfêmicos, são constituintes de uma palavra que são “comuns a uma determinada parte do paradigma”. Entre os exemplos trazidos por ele está *amaba-*, radical complexo que é comum a todas as formas do imperfeito do indicativo do verbo latino *amo* (*amaba-m*, *amaba-s*, *amaba-t*, etc.). Resta claro da discussão do autor que as formas resultantes da adição de um sufixo flexional a esse radical não são novos radicais, pois não servem de base para novas formas do paradigma verbal; são apenas formas desse verbo, construídas a partir de um radical por intermédio de um processo morfológico flexional. Da mesma forma, *cobras* não é um radical, pois não serve de elemento básico para novas formas dessa palavra; trata-se já de uma palavra pronta.

O sétimo capítulo, “Processos de Formação de Palavras”, trata dos recursos utilizados pelos usuários da língua portuguesa na constante expansão de seu léxico. Além dos recursos morfológicos de renovação lexical, a autora também apresenta os recursos semânticos de “expansão metonímica” e “expansão metafórica”. A inclusão desses recursos nem sempre lembrados em textos que falam sobre o assunto é enriquecedora. Contudo, ela pode causar estranheza a alguns, entre os quais me incluo, por pelo menos duas razões. A primeira relaciona-se ao fato de o capítulo tratar da formação de palavras novas na língua. No caso da expansão metonímica, definida pela autora como “o emprego do nome da marca registrada pelo produto” (pg. 78), e.g. *gilete*, *xerox*, pode-se dizer que não há, a rigor, a criação de uma nova palavra, apenas um aumento nas possibilidades de uso de um item lexical já existente no vocabulário da língua, associado a uma marca registrada. A segunda razão, referente à expansão metafórica, é o fato de esse tipo de criação lexical produzir elementos que extrapolam o nível da palavra, e.g. *bola pra frente*, *abrir o jogo*, e, portanto, o domínio da Morfologia, como estudo da estrutura das palavras, ao qual o manual se dedica.

Todos os capítulos deste manual são acompanhados por exercícios, que são, em sua maioria, de fácil resolução. Na maioria das vezes, tais atividades promovem apenas a recapitulação e a aplicação dos conceitos trabalhados. Uma exceção bastante especial é o exercício 6 do capítulo 3, que solicita ao leitor que discuta o problema analítico representado pelos morfemas vazios, formas morfológicas segmentáveis que não são associadas a nenhum significado. Para fundamentar a resposta do leitor, a autora ainda sugere uma leitura adicional bastante adequada. Trata-se de um momento raro em que a autora convida os estudantes a refletirem sobre uma questão problemática da disciplina. Seria certamente benéfico se convites como esse se repetissem ao longo do manual.

De um modo geral, o livro é bem organizado. A sequência e a estrutura dos capítulos estão de acordo com o que se espera de uma boa introdução à morfologia do português. Entretanto, o tratamento dispensado a cada tópico acaba, muitas vezes, sendo breve demais, devido às pequenas dimensões do volume diante de seu amplo escopo. Um resultado disso é a escassez de indicações de temas controversos na disciplina tratada. Muitos desses temas são abordados no livro, mas não são explicitamente colocados como problemas teóricos ou analíticos, ainda que recebam tratamentos divergentes na literatura. Nesses casos, a autora apresenta apenas uma resposta, uma possibilidade de análise, sem dar margens a controvérsias. É difícil imaginar uma situação em que seja adequado tomar essa atitude na composição de um livro, sobretudo quando se trata de um manual que, conforme seu texto de apresentação, dedica-se a fornecer aos alunos “[...] subsídios para reflexões e questionamentos indispensáveis à sua iniciação científica [...]”. Nesse caso, é importante deixar claro aos alunos que a área em que estão sendo iniciados é um campo ativo, permeado por discussões abertas, das quais eles mesmos podem vir a participar - para isso é necessário que as respostas não estejam todas prontas.

É provável que leitores autodidatas beneficiem-se pouco desse manual; tanto aqueles já iniciados na área, que buscam algum aprofundamento das questões mais controversas da morfologia portuguesa, como aqueles ainda não iniciados, que buscam um primeiro contato que lhes aponte caminhos, questões e referências. A mediação de um professor no contato com esta obra parece ser indispensável para que ela seja bem explorada.

Pontos em que a necessidade de orientação de um professor se mostra bastante evidente são aqueles em que a autora se utiliza de terminologia não explicada ao longo do texto, evocando noções, como “forma” e “substância” (pág. 28), em suas acepções saussurianas, sobre as quais somente um aluno já familiarizado com a Linguística pode ter a compreensão pretendida. Essa necessidade também é percebida nos pontos do manual em que é dada uma resposta a uma questão analítica sem que a autora demonstre como ela pode ser obtida. Exemplos disto são os capítulos 5 e 6, em que são apresentadas, respectivamente, a estrutura mórfica dos verbos regulares e a estrutura hierárquica (em representações arbóreas) de dezenas de palavras morfologicamente complexas do português. Em nenhum momento, contudo, são explicitados os procedimentos que levam à escolha destas análises específicas. Sabemos, todavia, que a postulação dessas estruturas por um linguista passa por um complexo processo

heurístico, informado por uma ou mais teorias gramaticais. O ensino científico de uma área passa pela explicitação de seus procedimentos de análise, dos pressupostos que os alimentam, e, mais importante, pela demonstração de que as análises resultantes são falseáveis e, por isso, provisórias. Para que haja uma boa iniciação científica dos alunos à Morfologia, é necessário que eles saibam que ainda podem inovar dentro dessa área, justamente porque as respostas não estão todas prontas.

Uma sugestão importante para uma próxima edição deste livro é a de que seja realizada uma revisão cuidadosa, a fim de que se elimine uma boa quantidade de erros que restaram. Muitos deles são insignificantes, mas outros podem acabar dificultando a leitura de um aluno iniciante. Um exemplo simples, logo na primeira página do manual, é a caracterização das palavras na gramática greco-latina como “todos invisíveis”, quando, certamente, a expressão pretendida era “todos indivisíveis”.

Não obstante os problemas levantados, é importante ressaltar um dos maiores valores deste manual: a sua organização no que diz respeito ao conteúdo e à sequência dos tópicos tratados. Essa qualidade didática reflete a vasta experiência da autora no ensino da disciplina e faz com que bom proveito possa ser tirado desta obra em um curso de Morfologia, desde que ela seja bem acompanhada por leituras suplementares que ajudem a expandir o acesso crítico dos alunos à investigação na área. Certamente, trata-se de uma boa fonte de apoio na elaboração de programas de ensino da área.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. MATTHEWS, P. H. *Morphology: an Introduction to the Theory of Word-Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 2003.